

A plataforma em que está alojada a revista **Páginas a&b** foi recentemente alvo de uma atualização, o que permitiu passar para uma versão com muitas mais funcionalidades, que torna mais ágil e simples o trabalho de gestão, o qual sempre é pesado para quem está no *backoffice* a dar o suporte técnico e editorial. Esta atualização implicou um esforço extra, associado à migração da revista e respetivas parametrizações, o que causou um ligeiro atraso na publicação deste número (normalmente teria ficado *online* em final de julho). Mas o resultado é animador e, por isso, esperamos que os nossos autores e leitores nos perdoem alguns inconvenientes que o processo possa ter causado.

O número que agora se publica é, como habitualmente, variado no seu conteúdo, com temas muito relevantes e atuais, que interessam, certamente, a uma gama variada de leitores e que, como é tradicional nas **Páginas a&b**, são da responsabilidade de autores do espaço luso-brasileiro.

A abrir, temos um estudo de Patrício, Cordeiro e Ramos, que identifica problemas relativamente às ontologias e aos conceitos que lhe estão subjacentes, com reflexos na qualidade da interoperabilidade semântica no espaço da *Web*. A questão do acesso à informação é, naturalmente, uma preocupação maior, igualmente refletida no trabalho de Silva e Sabbag sobre modelos de indexação social envolvendo o utilizador e, também, no artigo de Filipetto e Quadros, que estuda o comportamento dos “usuários do sistema de bibliotecas da Universidade Federal de Santa Maria (Brasil)”.

A função social das bibliotecas públicas, temática intemporal no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, é abordada no texto de Mello, Camillo, Araújo, Sala e Alves. Os autores discutem o papel que as bibliotecas públicas têm face à sociedade, nomeadamente possibilitando espaços para acesso às inovações tecnológicas e para ações de mediação da informação, ou seja, tornando-se *makerspaces* para reforçar a sua função social.

Sousa e Araripe fazem uma análise da produção e da comunicação científica na academia, num estudo de caso que elege como objeto de análise a Universidade Federal do Ceará e seus recursos informacionais – o repositório institucional e o catálogo eletrónico. Interessante notar que os impactos da pandemia COVID-19 são já tidos em conta na análise que é efetuada.

O trabalho de Pinto, Carvalho e Martins pretende mostrar, também com um estudo de caso, os efeitos benéficos de uma gestão da informação devidamente fundamentada, no contexto de uma empresa, concluindo que a mesma trouxe uma melhoria ao nível psicológico (satisfação e motivação) dos colaboradores da própria organização. Fernandes e Ochôa

apresentam também um estudo de gestão de informação, centrado nos perfis e competências de estudantes (mulheres) de mestrado, que podem ser classificadas como pertencentes à “geração Google”. O estudo mostra que as estudantes “possuem perfis híbridos com competências transversais e interdisciplinares, nomeadamente, com capacidade de adaptação às incertezas derivadas da constante evolução tecnológica e produção massiva de informação”.

Segue-se um conjunto de três artigos que se foca em problemáticas do campo dos arquivos: Corrêa e Silva apresentam um trabalho teórico interessante sobre o conceito de “fundo”, comparando o seu uso coloquial (e usando como exemplo uma obra de José Saramago), com o uso que lhe foi dado pela Arquivística, a partir de 1841, com Natalis de Wailly; Melo e Ricci analisam a componente formativa do Curso de Arquivologia da Universidade de Brasília, assente na modalidade do “Plano de Atividade Complementar (PAC)”, que configura uma espécie de estágio orientado por um docente do curso; e Almeida, Vitoriano e Davanzo propõem o “Método de Análise e Melhoria de Processos (MAMP)” como ferramenta para otimizar a gestão de documentos administrativos no seio das organizações.

Um trabalho de temática menos comum é o de Oliveira, Castro, Santi e Nascimento, que analisa as representações sobre a mulher a partir de *cartoons* incluídos numa publicação periódica dos inícios do século XX – a revista *Careta* – problematizando as relações de humor com a imagem da mulher, as quais, segundo os autores, “criaram deformações discursivas do que seria o movimento feminista”.

Por último, um trabalho de Novaes, que procura analisar o impacto nas atividades da preservação digital causado pelas exigências legais impostas pelo *Regulamento Geral de Proteção de Dados* (RGPD).

Esperamos que este número de **Páginas a&b** seja do agrado dos leitores e possa, *quiçá*, ser incluído entre as leituras de férias!

Fernanda Ribeiro